

## METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: PROCESSO DE ESCRITURA - ORIXIMINÁ-PARÁ

### PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING LEARNING METHODOLOGY: WRITING PROCESS - ORIXIMINÁ-PARÁ

Jacineide de Souza Vinente<sup>1</sup>

Francelina Duarte Siqueira<sup>2</sup>

Luciane Pereira Duarte<sup>3</sup>

#### RESUMO

Nosso principal objetivo, ao pôr em evidência à produção de textos dos alunos dos anos finais do ensino fundamental das escolas públicas do Município de Oriximiná, Estado do Pará, na região Norte do Brasil, é verificar os meios como se propõem e se planejam a produção de escrituração tendo em vista as competências e habilidades dos alunos de acordo a BNCC; assim como verificar os procedimentos adotados por professores e suas propostas metodológicas, buscando exemplificar problematizações da escrita dos nossos alunos. Tudo isso fundamentado em vários teóricos e ressaltar as preparações que seguem uma escrituração: a leitura e oralidade, o contexto e fatores linguísticos e o trabalho do professor (macroprocesso) e o aluno (micro processo), no qual será demonstrado por um estudo empírico e investigação qualitativa, com base em métodos de inquérito por questionários de questões fechadas e aplicadas em quatro escolas públicas. Para não envolver nomes reais, identificamos os nomes das escolas e profissionais da educação com heterônimos. Todo o resultado demonstrado aqui ressalta a concretização do esforço de toda a comunidade escolar em procura melhorar a qualidade do ensino. Contudo, todo esforço ainda se reflete em questões de investimentos, as salas de aulas precisam ser melhoradas afim de proporcionar melhor aprendizagem; assim como seus acervos precisam ser renovados; e bibliotecas com pessoal qualificado para orientar todos aqueles que procuram.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escritura, sala de aula, escrita e leitura.

#### ABSTRACT

Our main objective, in highlighting the production of texts by students in the final years of elementary school in public schools in the Municipality of Oriximiná, State of Pará, in the North region of Brazil, is to verify the means by which the production is proposed and planned. of bookkeeping in view of the competences and abilities of the students according to BNCC; as well as verifying the procedures adopted by teachers and their methodological proposals, seeking to exemplify the writing problems of our students. All of this is based on several theorists and with the exception of the preparations that follow a bookkeeping: reading and orality, the context and linguistic factors and the work of the teacher (macroprocess) and the student (micro process), which will be demonstrated by an empirical and qualitative research, based on survey methods using closed-ended questionnaires applied in four public schools. In order not to involve real names, we identify the names of schools and education professionals with heteronyms. The entire result shown here highlights the achievement of the effort of the entire school community in seeking to improve the quality of education. However, every effort is still reflected in investment issues, classrooms need to be improved in order to provide better learning; just as its collections need to be renewed; and libraries with qualified personnel to guide all those who seek.

Keywords: Scripture, classroom, writing and reading.

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia em Letras - Universidade Federal do Pará-UFPa; Especialista em Metodologia de Língua Portuguesa e Literatura - Instituto Brasileiro de Pós-graduação e Extensão - IBPEX e Faculdade de Teologia Hokemâh Fateh – FATEH; Mestra em Ciências da Educação na Especialidade de Supervisão Pedagógica – Escola Superior João. **E-mail** jacividente@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia – Universidade Luterana do Brasil ULBRA; Especialista em Psicopedagogia Institucional – Faculdade Rio Sono e em Docência Superior e Gestão Educacional – Faculdade de Teologia Hokemâh Fateh – FATEH e Mestra em Ciências da Educação na Especialidade de Supervisão Pedagógica – Escola Superior João de Deus. **E-mail:** francelinaduarte14@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia – Faculdade Latino Americano – FRATED; Graduada em Biologia e Química – Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA; Especialista em Docência Superior e Gestão Educacional – Faculdade de Teologia Hokemâh Fateh – FATEH e Mestra em Ciências da Educação na Especialidade de Supervisão Pedagógica – Escola Superior João de Deus. **E-mail:** luarte.orixi@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Vivenciamos momentos de investigação e modificações no âmbito escolar que visam favorecer gradativamente o ensino e a aprendizagem que está sendo cada vez mais analisado e observado através de pesquisas e sob essa perspectiva que apresentamos: uma metodologia de ensino aprendizagem: com abordagem sob a percepção do estudo de língua portuguesa no ensino fundamental.

O trabalho está relacionado principalmente às preocupações que o professor de Língua Portuguesa demonstra quando utiliza o livro didático: suas frustrações principalmente quando o livro traz textos e informações que mostram realidades que não estão condizentes com as do aluno. De um lado temos o professor, e de outro, o Governo Federal disponibiliza os livros didáticos, cujos os mesmos em questão abordam de forma equilibrada a alfabetização e letramento.

“Compêndios são os livros que expõem total ou parcialmente a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares [...] livros de leitura de classe são os livros usados para leitura dos alunos em aula; tais livros também são chamados de livro-texto, compêndio escolar, livro escolar, livro de classe, manual, livro didático”. (OLIVEIRA, 1980, p. 12 apud OLIVEIRA et al., 1984, p. 22).

Atualmente, o livro didático é uma ferramenta que é disponibilizada pelo Governo Federal através do Programa Nacional do livro didático- PNLD, adquiridos e distribuídos pelo Ministério da Educação -MEC para todo o país por intermédio do Fundo Nacional de Desenvolvimento – FNDE, após uma criteriosa avaliação da Secretaria de Educação Básica para que professores e alunos recebam materiais de qualidade física e pedagógica. Além de disso, os livros são um material reutilizável, e, devem ser manuseáveis por três anos

consecutivos e, também, estimulam a conservação e a devolução a cada ano de uso.

Já que o livro didático vem diretamente para as escolas e está à disposição da nossa comunidade escolar, este deve auxiliar os professores através do processo de leitura e de exercícios orais e escritos, os mesmos devem trazer os elementos básicos que contém nos currículos. São esses elementos de uma organização do livro – os textuais, interpretativos, gramaticais e de produções – que favorece tanto usos coletivos, quanto individuais. E que como tal, apresentam relevância, em diversos textos e contextos, e também, um elemento indispensável do processo de ensino-aprendizagem.

As discussões acerca da língua materna perpassam principalmente pelas questões metodológicas utilizadas pelo professor de sala de aula, que tornam o ensino sistematizado e prejudica o entendimento de nossos aprendizes que torna muitas vezes mecânico com regras e normas.

É nesse sentido que apresentamos a aplicação deste projeto, pois é preciso que o professor seja capaz de propor ao aluno um ensino que traga a importância do saber falar e escrever de forma culta; assim como também, respeitar e levar em consideração as individualidades do aluno tornando-o capaz de identificar as variedades linguísticas e como utilizá-la em cada situação do dia a dia.

De acordo com Heidegger, pode-se dizer que a linguagem vai muito além de normas técnicas:

“A linguagem é a casa do ser. O homem, habitando-a, existe. Ela se constitui a passagem obrigatória de todos os trajetos do pensamento, revelando em palavras a existência do ser homem, de sua essência. O homem é o pastor do ser, seu guardião. Nesse caso, guarda o sentido do ser, ou seja, cuida de ser através da linguagem.” (HEIDEGGER, 1991; APUD, SANTOS, 2009; p.60).

Contudo, pelo histórico e pela vasta literatura, e ainda considerando que o livro é um recurso indispensável à sala de aula, este material abre precedentes para uma compreensão para análises gramaticais e linguísticas, pois cada autor considera suas visões e estudos sobre a língua Materna que não estão em acordo com os contextos de cada região do Brasil.

O tema, chama a atenção, primeiramente porque vivenciamos essas situações de sala de aula como professora de Língua Portuguesa sobre quais os métodos de ensino são mais eficazes em relação à aprendizagem e, destes quais têm sido mais utilizados pelos professores na percepção dos alunos?

Tal tema inquieta, não só porque estamos inclusos nas escolhas de livro didático. Diante desse contexto, já foram de várias escolhas, muitas delas sem saber o que era mesmo o que estava analisando? Hoje, tendo outras visões e possibilidades de teorizar quanto à essas escolhas, percebemos o quanto é importante essa análise de referências bibliográficas; os métodos de trabalho, os procedimentos, as questões gramaticais, a variações linguísticas e as atividades abordadas em sequência. Diante deste cenário o tema é bem adequado neste período, pois é quando acontece as escolhas dos livros didáticos para o triênio subsequente 2017, 2018 e 2019.

Saviani (1996) faz referência aos saberes que devem ser construídos pelos professores em seu processo de formação inicial e continuada, e afirma que sendo o processo educativo um fenômeno complexo, os saberes envolvidos também o são. Conforme o autor, há cinco categorias de saberes, sendo elas o saber atitudinal, o saber crítico-contextual, os saberes específicos, o saber pedagógico e o saber didático curricular e, salienta que são esses os saberes que todo educador deve dominar, e desta forma, devem fazer parte do seu processo de formação.

Com o presente trabalho, o principal desafio é proporcionar melhorias para o ensino de Língua Portuguesa, apresentando métodos de ensino mais

eficazes em relação ao ensino aprendizagem que possam estar em consonância com os livros e com a realidade dos nossos educandos.

Não se considera aqui a língua como um mero instrumento de transmissão de mensagens e nem como veículo de comunicação por meio da qual alguém diz ou escreve algo para alguém que deve compreender o que ouve ou que lê, mas um processo de interação entre os falantes de Língua Portuguesa.

Letramento é o estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral.

Já que, toda comunicação produzida, nas mais diversas atividades humanas, está relacionada a usos variados da língua, tanto oral como escrito. Entretanto, com as mudanças sociais, econômicas e culturais, novas situações de comunicação foram surgindo, como o e-mail, por exemplo. Daí surgem formas discursivas novas, tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, tele mensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais, aulas virtuais e assim por diante.

Como afirma Marcuschi, em que afirma que os gêneros textuais têm uma função comunicativa compreendendo assim, aspectos linguísticos estruturais. No Brasil, por exemplo, Tais fundamentos aparecem nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os quais retomam a ideia com expressões diferenciadas, assim como reconhece a necessidade de aplicação de novas metodologias. Essa é nova ferramenta de trabalho, para muitos educadores, apresentam complexas e dificultosas, no entanto, tornou-se a base e o eixo norteador do ensino, mas questionamentos quanto a sua metodologia e uso didático circundam as discussões

educacionais, a começar pela sua escolha. Saber qual gênero textual melhor se adapta a um universo e de que forma o trabalhar é, para muitos, uma grande dúvida ao abordar gêneros textuais, porque, há de se considerar o que os estudiosos apresentam teoria concernentes a gênero textual.

[...] Implica uma apreensão, um conhecimento da realidade que circunda. Essa leitura primeira que faz da realidade se modifica, se reconstrói a partir de uma visão pessoal, e se manifesta mediante o uso de uma linguagem. E ao manifestar essa reconstrução do real, o produtor do texto está se dirigindo a um interlocutor a quem tem intenção de atingir. (PILETTI, p. 38)

Nesse sentido, o Governo Federal disponibiliza os livros didáticos que de forma equilibrada alfabetização e letramento com meio para verificar quais gêneros o compõem e se o tratamento dado aos textos deste livro dá conta de promover o letramento dos alunos.

Compêndios são os livros que expõem total ou parcialmente a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares [...] livros de leitura de classe são os livros usados para leitura dos alunos em aula; tais livros também são chamados de livro-texto, compêndio escolar, livro escolar, livro de classe, manual, livro didático. (OLIVEIRA, 1980, p. 12 apud OLIVEIRA et al., 1984, p. 22).

O estudo justifica-se pela importância de o meio acadêmico conhecer as metodologias de ensino que os alunos consideram mais eficazes para sua aprendizagem e, com base nessas informações melhor gerenciar as atividades de ensino e, se necessário for, revisar a política de ensino adotada. Nesse sentido, os resultados deste estudo visam contribuir e subsidiar decisões de gestão do processo ensino-aprendizagem, tanto do ponto de vista da docência quanto, principalmente, de políticas das instituições de ensino superior.

De acordo com Miranda (2006), a expansão e variedade das Instituições de Ensino Superior, faz com que essas instituições se atentem às práticas de gestão e desenvolvimento de novas estratégias para se sobressair às demais. Entretanto, na concepção de Canterle e Favaretto (2008), os desafios impostos às IES são referentes à gestão e a construção da qualidade, em um cenário altamente dinâmico, constituem desafios impulsionando-as para que busquem novas alternativas de gerenciamento e eficiência para fornecer ensino de qualidade à sociedade.

Nesse contexto, considera-se que homens e mulheres usam a linguagem para desenvolver certos graus de letramento, como no processo de produção de textos, que é uma forma de expressar ideias, pensamentos e intenções. Essa prática estabelece caráter interpessoal entre os interlocutores de uma mesma língua porque oferece e recebe influências do outro (emissor e receptor), alterando representações que aparecem da realidade da sociedade e o rumo das (re) ações.

A escrituração dentro da escola, tem encontrado pouco espaço para um trabalho bem eficaz e detalhado de acordo com as previsões de atividades por etapas, pois se refuta sobre a questão de como se aprende e como se ensina? Visto que essa prática ainda serve como um dos principais instrumentos de avaliação da aprendizagem. Assim, ao analisar os métodos de ensino na Língua Portuguesa e sua eficiência no município de Oriximiná – Pará, ao compararmos livros didáticos de autores que abordam procedimentos metodológicos e como adequar à realidade do aluno.

Ao descrever minuciosamente essas análises, pode-se afirmar que podemos enumerar algumas fases de escrituração: como o planejamento, a produção e o direcionamento do professor, e assim como o planejamento a exposição e a avaliação centrada no aluno, além de a reescritura. A partir dessas sequências lógicas, pode-se afirmar que o aluno desenvolverá

maturação intelectual, que é expressa em habilidades e competências.

Hoje, na escola, no trabalho e em qualquer lugar que a pessoa se apresente, é imprescindível saber escrever “bem”, ou seja, utiliza com sabedoria o poder de argumentação que é ter clareza e objetividade na sua informação ou comunicação.

Embora a prática de produção de textos já tenha sido muito mensurada por autores, ainda assim surgirão especulações difíceis ou insuficientes para responder todas as problemáticas. Contudo, a proposta é, mais uma vez examinar minuciosamente algumas obras documental e não documental e, a partir de então, apresentar novos direcionamentos para essa prática.

Além de contribuir para o fortalecimento do trabalho das práticas de produção de textos do professor, o tema torna-se de suma importância para professores de Língua Portuguesa para desenvolverem alternativas metodológicas que proporcionem ao discentes condições de desenvolver habilidades e competências em sala de aula assim como em qualquer área do conhecimento linguístico.

### ESCRITURAÇÃO: UMA PROPOSTA CONTEMPORÂNEA

A escrita é um dos elementos fundamentais criados para a sociedade em que se vive. Além de permitir exercer atividades pessoais e sociais, quem desenvolve essa habilidade demonstra um alto grau de maturação linguística, por isso, se uma pessoa consegue por meio da escrita expressar suas ideias com competência e habilidade de argumentação. Neste caso, é na escrita que se demonstra com clareza e objetividade dos argumentos; o ponto de vista do escritor, na mesma dimensão e no mesmo valor.

Saber utilizar-se e apropriar-se do código linguísticos escrito é revelar-se para todos os leitores. Você se revela: Quem é você? O que faz? No que acredita? E do que gosta? Enfim revela sua verdadeira

identidade que pode se manifestar em frase ou num texto.

Hoje, o texto é a principal manifestação da linguagem, entendido como unidade básica de comunicação, considerado por estudiosos mais que uma forma de comunicação. É um processo que envolve etapas de produção. Para tanto, os Linguística Moderna conceberam uma nova terminologia – escritura- capaz de abarcar toda forma de escrita que fosse entendida como um todo: o texto.

O ensino de Língua Portuguesa não apresenta espaço para se trabalhar a prática de produção de textos, visto que os componentes do currículo são extensos e, na maioria cobrados do professor, uma vez que ele deve desenvolver durante o ano letivo pelo menos 75% desses conteúdos em sala de aula.

Assim, a maioria dos professores acaba por tentar cumprir todo o conteúdo, outros tentam diversificar suas aulas com produções aleatórias, só que essas produções acontecem de qualquer jeito, não se levando em conta a preparação, a orientação e o direcionamento do ato de produção.

Na perspectiva de alcançar os objetivos propostos na prática de produção de textos pode-se ressaltar que ela só poderá se desenvolver a partir da prática de leitura. **A leitura** é seguramente um dos meios mais indicados para o aprimoramento da redação. É nela que o escritor encontrará suporte para a escritura, pois a leitura fornece a escritura elementos considerados essenciais para seu desenvolvimento, como: conteúdos, parâmetros e conhecimento linguístico. Para tanto, faz-se necessário saber o tipo de texto se quer produzir, assim o tipo de leitura a ser realizada é alerta para alguns pontos que conduzem a melhores resultados: leitura de contato com a obra (de preferência sem interrupção); resolução dos problemas de decodificação do vocábulo; apreensão das ideias principais do autor; ler utilizando marcador, estabelecendo código pessoal; esquematizar as ideias mais gerais e elaborar frases-resumo a partir do que foi marcado.

A esquematização das ideias de um texto facilita a aprendizagem e a retenção de informações básicas; facilita a redação de novos textos. Nesse sentido, o objetivo principal da produção é trabalhar a elaboração de mensagem como instrumento de comunicação, além de ser uma atividade que possibilita a construção do raciocínio lógico de argumentos convincentes.

Além da leitura, o escrito também utiliza elementos pragmáticos como: pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes, repetições, ênfases, truncamentos e outros. Entretanto, com o aparecimento da linguística e com os estudos do texto, o enfoque principal vai deixando de fixar-se no produto e se desloca para o processo de produção, fazendo com que linguagem falada deixe de ser vista como mera verbalização, passando a ser incorporada nas análises textuais como um suporte para a produção de textos- a oralidade.

Segundo Marcuschi (1993, p.10), a língua falada representa uma dupla proposta de trabalho: por um lado trata-se da descrição da fala e por outro lado, por ser variada e diversificada de elementos é um convite para que a escola amplie seu leque de atenção. Nesse sentido, a ciência linguística vem dedicando atenção ao estudo da fala, procurando conscientizar os educadores que não se trata, obviamente, de “ensinar a fala”, mas de mostrar aos alunos a grande variedade de usos da fala, conscientizando-os de que a língua não é homogênea e nem monolítica, procurando sempre trabalhar os diferentes níveis de linguagem (do mais coloquial ao formal) das duas modalidades da fala (o falado e o escrito).

“[...] não se acredita mais que a função da escola deve concentrar-se apenas no ensino da língua escrita como pretexto de que o aluno já aprendeu a língua falada em casa. Ora, se essa disciplina se concentrasse mais na reflexão sobre a língua que falamos, deixando de lado a reprodução de esquemas classificatórios, logo descobriria a importância da língua

falada, mesmo par a aquisição da língua escrita. (CASTILHO, A. T.: 1998, P.13)

Haqira Osakabe (1982, p. 154-155) afirma que do ponto de vista da aprendizagem, a língua escrita e a língua oral apresentam dificuldades de natureza distinta: a escrita atua como complemento da oralidade, cumprindo certas atribuições que situam além das propriedades inerentes a esta, nesta proposição podemos afirmar que uma depende da outra.

Atualmente, vem se desenvolvendo entre os estudiosos a consciência de que oralidade tem um papel fundamental no ensino de língua materna, e deve ser utilizada como um dos suportes para a escrituração. Dessa forma, pode-se enfatizar que todas as fases das práticas de sala de aula são mecanismos que se sobressaem como exercícios para levar o aluno à capacidade de expressão de seu pensamento, possibilitada principalmente, pelo processo de oralidade.

*“...a questão não é falar certo ou errado e, sim saber que forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e, porém, se diz determinada coisa”. (PCNs)*

No ensino de língua materna deve ser proporcionado ao aluno o desenvolvimento do texto na modalidade oral como um primeiro ensaio para o texto na modalidade escrita, isso permitirá ao aluno a capacidade de falar sobre determinado assunto e expressar suas ideias por meio de formulações mentalmente de um período e proferi-lo em voz alta. Nesse caso, se o aluno não conseguir formulá-lo em linguagem falada, é óbvio que não terá condições de colocá-lo no papel de forma coesa e clara, porque a

escrita exigirá muito mais esforço para a produção de um bom texto.

A leitura e a oralidade são práticas de escrituração que juntamente com os fatores linguísticos e extralinguísticos formarão uma relação de interdependência na produção textual, a esses elementos estão atrelados alguns fatores que estabelecem o entendimento entre os interlocutores - a coerência, e só podem ser compartilhados através de conhecimentos do emissor e receptor. Esses fatores são: inferência, conhecimento compartilhado, conhecimento linguístico, focalização, intertextualidade, informatividade, consistência e relevância e os fatores de contextualização.

A coerência se liga a dois fatores básicos: ao conhecimento extralinguístico do emissor e do receptor, envolvendo sua visão de mundo, e ao conhecimento linguístico, envolvendo os fatos pertinentes à língua como um todo. Daí a importância do conhecimento compartilhado, pois corresponde a um dos fatores que contribui para a construção da coerência, ligando conhecimentos entre o escritor e o leitor. A fim de aprimorarmos nossa competência no que tange às técnicas composicionais da linguagem escrita, um outro elemento que colabora para a clareza textual é a coesão: é o conjunto de recursos linguísticos responsáveis pelas ligações que se estabelecem entre os termos de uma frase, entre orações referentes a um período, fazendo com que, esteticamente, os parágrafos se apresentem de forma harmoniosa, tornando o texto agradável à leitura.

De acordo com Giora (1985), mais dois requisitos básicos devem ser utilizados para se estabelecer coerência textual, que são eles: a consistência e a *relevância*. A consistência exige que cada enunciado de um texto seja verdadeiro, para dar credibilidade aos enunciados anteriores; e a relevância exige que o conjunto de enunciados sigam uma mesma temática.

Deve ter ficado claro, neste estudo, que a coerência não é apenas um traço ou uma propriedade do

texto, mas sim que ela se constrói pela interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, em decorrência de todos os fatores aqui citados.

## PROCESSO DE ESCRITURA

Para muitos estudiosos da língua, o termo escritura é desconhecido. No entanto, Roland Barthes, na obra *Le degré zero l'écriture*, publicada entre 1947 e 1953, já pregava o termo escritura com uma realidade formal situada entre a língua e o estilo, numa relação de independência. A explicação para ele era que, se a língua é “um corpo de prescrições e de hábitos comuns a todos”, e o estilo é “uma herança do passado individual”, então, a escritura é a relação que o escritor mantém com a sociedade, de onde sai sua obra e para a qual se destina. “A reflexão social do escritor sobre o uso social de sua forma e escolha que ele assume” revela essencialmente a moral da forma, a escolha da área social no seio da qual o escritor decide situar a natureza de sua linguagem.

Sabendo-se que a escritura é uma questão de enunciação, porque parece que se manterá estável nas sucessivas redefinições barthesianas da escritura. Como afirma *Le degré zero l'écriture*: “a escritura é uma questão de tom, de recitação(débit), de finalidade, de moral”. Isso quer dizer que a escritura é ao mesmo tempo uma modulação da fala e uma modalidade de ética, que dispõem de uma mesma língua, vivem a mesma história, mas podem ter escrituras totalmente diferentes, porque a escritura depende do modo como o escritor vive essa história e pratica essa língua.

A produção de escritura é um ato extremamente diversificado que usa todos os recursos linguísticos e extralinguísticos para funcionar como unidade significativa global, sendo assim, há de se considerar as etapas de desenvolvimento a que está sujeito todo o trabalho de organização, seleção e rascunho das ideias, ou seja, o processo de produção,

que envolve a articulação entre os agentes do processo ensino-aprendizagem – professor e aluno - assim também, com a prática de produção de escritura que pode-se dividir o em duas vertentes: Centrado no professor – o macro processo; e Centrado no aluno – o micro processo.

### **MACROPROCESSO: O TRABALHO DO PROFESSOR**

O professor, como mediador do processo da prática de escritura, será o facilitador do ensino-aprendizagem. Para isso, desenvolverá estratégias com ações pedagógicas e metodológicas que propiciem ao aluno produzir seu texto, tendo possibilidades de desenvolver habilidades e competências, com isso garantirá uma maior eficiência do processo.

Aqui nessa fase, o professor é o facilitador da aprendizagem, que como coautor seguirá na sua atuação na sala de aula como desencadeador de várias etapas do processo de escrituração. Para tanto, o processo de escrituração, ficará sob a responsabilidade do professor em que se desenvolverá no momento da pré-produção – o antes, no momento da produção – o durante, e no momento de pós-produção – o depois.

**O antes**, é considerado como o planejamento, aqui as ações do professor, a priori, dentro e fora da sala de aula, pressupõe um trabalho organizado em torno de um planejamento, que será destinado a cada atividade desenvolvida no ambiente escolar. É nesse momento que o professor organiza e prepara todas as metodologias e atividades que vai trabalhar em suas aulas do dia a dia, a fim de buscar uma melhor eficiência no processo de ensino e aprendizagem.

O planejamento caracteriza-se por uma organização de atividades que serão executadas como propostas pedagógicas e como previsão metódica de uma ação a ser desencadeada pela racionalização dos meios para se atingirem os fins. Neste caso, de acordo com Maura Barbosa, “O planejamento nasce a partir do

estabelecimento de metas e de objetivos que a escola deseja alcançar.”

Durante a tessitura do texto do aluno, o professor desenvolverá momentos de produção para coordenar o micro processo (mencionado nos 3.2). No primeiro momento, antes da produção propriamente dita, o professor vai orientar o aluno: quanto às tipologias que um texto pode apresentar (narrativa, dissertativa e descritiva); quanto aos gêneros (contos, fábulas, poesias, cartas, etc.); quanto à forma (prosa e verso); e principalmente, quanto à estrutura textual – fala-se aqui, do texto com relação à parágrafos e às partes do texto (introdução, desenvolvimento e conclusão).

No exercício da produção, seguindo de acordo com as orientações do planejador, o aluno contará com outro momento que serão as observações do professor. É nesta etapa que o professor só vai observar como o aluno está produzindo a sua escritura; e também, o professor aparece aqui disponível para esclarecer eventuais dúvidas que possam aparecer.

**O depois**, o direcionamento ou destino que terá o texto finalizado do aluno. É nesse momento que se deve levar em conta a importância da escritura como um veículo de comunicação; um material didático que deve servir como suporte linguístico disponível para desenvolver inúmeras atividades em sala de aula. Assim, a atitude do professor, diante da produção de escritura do aluno, consistirá em direcionar a utilização do texto produzido, dividindo-o em várias sequências de atividades: a primeira atividade será o uso do texto como forma de interação em sala de aula. Nesse caso, o professor fara a socialização das escrituras, por meio de leituras para que se compreenda o que, na verdade, cada aluno escreveu, explique porque escreveu, e o que ele quis dizer. E, para que após a leitura o aluno escute e perceba, o que escreveu em cada período e observe pontos confusos e obscuros na sua escritura. A leitura do texto não será utilizada apenas para a socialização das escrituras, mas também para análise linguística.



Após ser realizada a análise linguística, como metodologia para uma outra atividade, seria pôr em prática a reescritura de textos, que consiste na reelaboração do texto escrito. O método permitirá que o aluno se distancie do seu texto de forma crítica, e observe e reconheça os próprios erros, e possam adquirir gradativamente habilidade da autocorreção. Neste sentido, vale ressaltar que a prática de reescritura vem também sendo reforçado pelos PCNs. de Língua Portuguesa:

“Os processos de refacção começam de maneira externa pela mediação do professor que elabora os instrumentos e organização das atividades que permitem aos alunos sair do complexo (textos), para o mais simples (as questões linguísticas e discursivas que estão sendo estudadas) e retornar ao complexo”. (PCNs)

Diante do exposto, fica evidente o fato de que o professor melhore sua metodologia de ensino com relação a produção; que deve ser uma maior interação com os alunos em sala de aula, deixando de lado estereótipo de “sabe tudo” a fim de poder garantir o ensino aprendizagem.

### **O MICRO PROCESSO – CENTRADO NO ALUNO**

O ato de produção centrado no aluno, constitui um micro processo que se caracteriza, exclusivamente, pelas ações do sujeito-aluno, o qual contara com poucas horas para pensar, selecionar, escrever e revisar seu próprio texto. Entretanto, pode-se dividir o ato de produção de escritura do aluno em três fases contínuas: a fase do planejamento, a fase de exposição das ideias e a fase de avaliação.

O planejamento, assim como no macroprocesso (citado no 3.1), o ato de planejar também faz parte das práticas do aluno, por exemplo, o que vai escrever é fundamental para o desenvolvimento de uma produção de escritura. É nessa fase que o aluno distribuirá o tempo

reservado à sua escritura como forma de economizar o tempo do processo. É o momento de solicitar esclarecimento ao professor e conhecer os reais objetivos ao final da produção (a avaliação). Se consideramos o tempo disponível para a produção de escritura em sala de aula, varia de duas ou quatro tempos de aulas. Ressalvando-se que esse tempo poderá ser ampliado pelo professor para a produção realizada em caso qual pode estabelecer alguns dias ou semanas.

Escolher o tema, estabelecer o objetivo central do texto, o qual, na maioria das vezes, é professor quem determina, e cabe ao aluno delimitar o conteúdo do texto, mas pode haver casos em que o professor apenas sugere o assunto e ao aluno escolher qual aspecto irá abordar.

Após delimitar o assunto, quais perspectivas de causa serão expostas, para isso, os alunos devem fundamentar o tema por meio de levantamento de pontos de vistas e argumentos, sempre procurando esclarecer o objetivo do seu texto. E, deve decidir se o seu objeto de avaliação vai ser utilizado sobre as estilísticas do aluno, ou se pretende somente convencer alguém de uma ideia, ou se pretende somente divertir. Neste caso, vale ressaltar que um texto pode apresentar vários objetivos, mas o aluno não deve fugir do objetivo central da escritura.

A exposição do texto é a fase em que o aluno desenvolverá ideias e opiniões acerca do tema escolhido, sendo assim, tentará seguir todos os passos propostos pelo professor. Mesmo que, independentemente do tipo de estrutura, o aluno conceberá na sua escritura todas as fases sugeridas pelo professor.

Na hora da produção de texto, surgem novas ideias, compreende-se melhor algumas intuições: e se consegue articular melhor os próprios argumentos. Para isso, o roteiro utilizado na planificação deve ser revisto não para ser descartado, mas para ser verificado com mais exatidão o que se deve argumentar.

Neste caso, ao montar a sua estrutura, para passar de uma ideia para outra, o aluno deve ficar atento

para fazer as relações certas utilizando os elementos de coesão (termos verbais e suas conjugações, frases de ligação, conectivos) que ajudem o leitor a seguir o fio condutor do seu raciocínio e da decisão sobre sua forma correta que também estão relacionados com a linguagem e cultura. Assim, esses dados, irão contribuir para a exposição de ideias, porque para se entender um texto e ajude na compreensão dos mesmos.

Considerada a última fase tanto do macroprocesso quanto do microprocesso, **a avaliação** é o momento mais difícil para o aluno, que em poucas horas, deve fazer as devidas correções necessárias do seu texto. É por esse motivo que a maioria das redações quando passada a limpo para o texto final não se diferencie dos rascunhos elaborados, ou então, isso acontece porque o escritor revê seu texto com uma releitura rápida e pouco crítica, em vez de fazer uma revisão como se deve, passo fundamental para a produção de em texto, é neste momento que o aluno faz uma avaliação de sua própria escritura.

Na primeira versão, ou seja, no borrão se presta mais atenção na gênese das próprias ideias. Durante a avaliação (revisão), a atenção deve se voltar preferencialmente, sobre a constatação de que as ideias sejam expressas de modo organizado, claro e coerente, para tanto o processo de revisão pode ser repetido mais de uma vez: várias revisões contribuem para melhorar a forma final do texto.

A revisão é, normalmente, desenvolvida pelo próprio autor da escritura. Nesse momento, deve-se verificar, antes de tudo, que o texto seja bem estruturado, especialmente quanto à ordem e a organização dos parágrafos. Sendo assim, cada parágrafo deve desenvolver uma ideia relacionada com a tese do texto, e a dos parágrafos deve ir construindo progressivamente a tese que se quer desenvolver. Para tanto, as passagens que não apresentam relação com o restante da escritura devem ser integradas com o que segue ou antecede, utilizando, para isso, conjunções ou frases de ligações para que se estabeleça a coerência.

Na maioria das vezes, a revisão também na verificação dos aspectos gramaticais, como: acentuação, pontuação e ortografia; assim como também na sintaxe, como regência, colocação e concordância de palavras. Desse modo, cortar e simplificar períodos longos demais e redundantes, suprimir palavras como pronomes adjetivos ou provérbios supérfluos. Esse tipo de correção efetua transformações locais aos textos que se referem à forma da escritura. Normalmente, a simplificação aumenta sua legibilidade. A legibilidade num texto, exige, antes de qualquer coisa, que o conteúdo da escritura seja coerente e interessante.

Depois de revisar e corrigir os pontos obscuros, que foram mal expressos pelo escritor, deve-se finalmente escrever a versão final da escritura, sempre procurando fazer uma boa apresentação de texto, não só no aspecto estético, mas na composição, para facilitar a leitura: utilizando letra legível e organizando em parágrafos as ideias. Assim, ajudará bastante a compreensão da estrutura da relação para os leitores.

Nessa fase, ainda é possível acrescentar exemplos e detalhes esquecidos que podem reforçar as ideias que permitam ao leitor uma melhor compreensão da leitura.

Após toda a avaliação sobre a própria escritura, o aluno deve encarar a escritura como processo de produção em que se pode dizer que o professor é um coautor da escritura do aluno. Assim, o desenvolvimento do texto produzido não dependerá só da atuação do aluno, mas também do professor.

## METODOLOGIA

O professor não pode mais ser aquele que tem uma didática definida com papel de apenas ensinar o conteúdo, ele deve assumir seu papel de mentor e facilitador, deve priorizar e intermediar o acesso do aluno à informação, como se pode obter através da concepção apoiada pelo teórico Veiga (2006). Com isso, suas técnicas devem ser aprimoradas constantemente e

seus métodos e metodologias de ensino, conseqüentemente, atender às necessidades que vão surgindo.

Diante deste contexto, expõem-se a questão norteadora deste estudo:

- Quais os métodos de ensino são mais eficazes em relação à aprendizagem e, destes quais têm sido mais utilizados pelos professores na percepção os alunos?
- Que gêneros textuais do livro didático foram priorizados no ensino- aprendizagem?

Desta forma, o objetivo consiste em analisar as práticas de produções de textos e seus métodos de ensino na Língua Portuguesa para o desenvolvimento da leitura nas escolas públicas dos anos finais do ensino fundamental, preferencialmente em Oriximiná-Pará-Brasil. Nesse contexto, verificar os procedimentos adotados, analisar as produções de textos e suas possíveis adequações a realidade do aluno.

## MÉTODOS

Os autores destacam que para dar conta dos objetivos traçados, os professores utilizam os saberes das disciplinas, os saberes curriculares, os saberes da formação profissional e os saberes da experiência. Os saberes docentes podem ser vistos sob três óticas, a da experiência, do conhecimento e dos saberes pedagógicos, como afirma o estudioso Pimenta (1997). No que diz respeito aos saberes da experiência, são aqueles que o professor em formação traz consigo, relativo à sua experiência e vivências como aluno e em atividades docentes.

Entretanto, vale destacar os saberes pedagógicos, não bastando apenas experiência e conhecimentos específicos, mas é preciso também saber ensinar, e isso o professor adquire, constrói e aprimora ao longo de sua formação docente com seu próprio fazer (PIMENTA, 1997).

O estudo justifica-se pela importância do meio acadêmico conhecer as metodologias de ensino que os

alunos consideram mais eficazes para sua aprendizagem e, com base nessas informações melhor gerenciar as atividades de ensino e, se necessário for, revisar a política de ensino adotada. Nesse sentido, os resultados deste estudo visam contribuir e subsidiar decisões de gestão do processo ensino-aprendizagem, tanto do ponto de vista da docência quanto, principalmente, de políticas das instituições de ensino.

Para desenvolver o nosso trabalho, verificar quais os métodos de ensino se mostram mais eficazes em relação à aprendizagem, na percepção dos alunos e, destes, quais têm sido mais utilizados pelos professores, realizou-se uma análise descritiva no que se refere aos objetivos, com abordagem quantitativa quanto ao problema, por meio de pesquisa de levantamento.

Seguindo este raciocínio, a seleção, a avaliação e a comparação das escolas terão como âncora um medidor padrão do desempenho dos alunos, porém a compreensão dos mecanismos e dos resultados da gestão escolar levará em conta a qualidade do processo organizacional. Na verdade, o que se pretende mostrar com neste trabalho é que há, nas melhores escolas dos pares selecionados, uma maior conexão entre estes dois elementos.

Um fato importante no ensino é o planejamento, a definição de quais métodos serão utilizados para o desenvolvimento das atividades. Nesse contexto, Gil (2012, p. 94) reflete sobre a falta de criatividade com que muitos professores ainda planejam seus cursos “simplesmente seguem os capítulos de um livro-texto, sem considerar o que é realmente necessário que os alunos aprendam”, além disso, o autor destaca que muitos professores também utilizam sempre os mesmos métodos de ensino e procedimentos de avaliação, não acompanhando assim as mudanças e evoluções que vêm ocorrendo.

## ANÁLISES DOS RESULTADOS

As principais informações as produções de texto foram obtidas, primeiro pelas investigações bibliográficas, pois existe um seria de autores e teóricos que mencionam sobre produção textual, principalmente sobre o processo de escrituração, e a partir dessas informações, complementar a nossa tese através das respostas dos professores que gentilmente atenderam-nos bem.

A coleta de dados foi realizada dentre os meses de março e abril 2018. Os questionários foram todos direcionados aos docentes, sendo que nem todos se dispuseram a responder ao questionário, mas mesmo assim os resultados recolhidos foram suficientes para a concretização deste estudo.

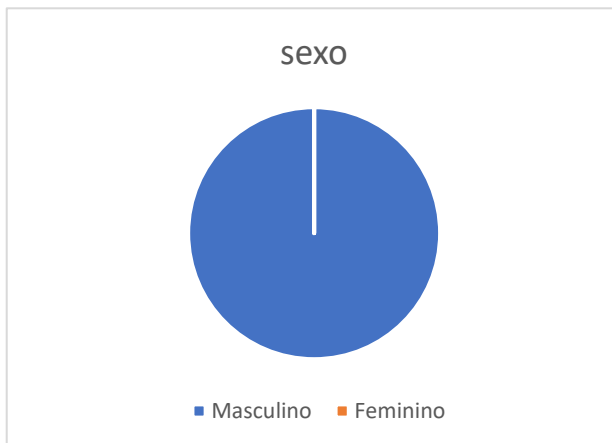
As sete (07) questões foram elaboradas de forma fechada e com resposta de múltipla escolha. Sendo elas detalhadas assim:

1. Você propõe a seus alunos produções textuais?
2. Você costuma planejar suas produções textuais?
3. Quais as principais metodologias utilizadas para as produções de texto?
4. Você utiliza vários gêneros textuais?
5. A produção de seus alunos tem contribuído para o processo de aquisição de leitura e escrita
6. Sua escola dispõe de uma Biblioteca?
7. A escola tem algum projeto que fortaleça a produção de textos?

Após a análise dos questionários foram elaborados gráficos contendo as respostas em forma de porcentagem com o intuito de verificar como a produção textual, vem sendo trabalhada no ensino fundamental e no ensino médio em escolas da rede pública de ensino do município de Oriximiná, descrevendo quais as metodologias utilizadas pelos docentes para utilizar a produção de textos, bem como os diferentes gêneros textuais. Reconhecendo que essa prática tem contribuindo para o processo de aquisição de leitura de seus discentes no ensino fundamental.

## SÍNTESE E ANÁLISE DOS RESULTADOS

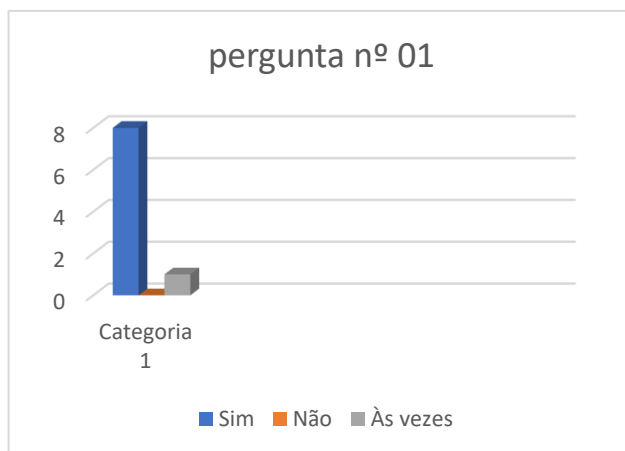
A partir das questões destinadas à nossa pesquisa constatou-se que entre os nossos professores, a maioria atuante, como regente de sala de aula no componente curricular de língua Portuguesa prevalece os do sexo feminino: dos nove entrevistados todos são mulheres.



**Figura 1:** Respostas dos professores - "Você propõe a seus alunos produções textuais?" Há uma unanimidade nas respostas quanto ao item "sim" e rejeição quanto ao "não".

**Fonte:** Dados originais da pesquisa

Quando fizemos a pergunta nº 1 "Você propõe a seus alunos produções textuais?" Há uma unanimidade nas respostas quanto ao item "sim" e rejeição quanto ao "não", no entanto, ainda temos um ou outro professor que fica na dúvida quanto ao item "às vezes". Veja o gráfico 02:

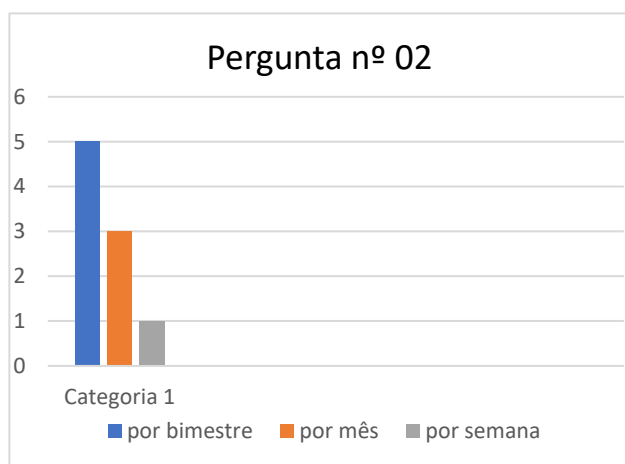


**Figura 2:** Respostas dos professores - "Você costuma planejar suas produções textuais?" Todos àqueles que responderam à pergunta nº01, o item sim, e

complementaram que seu planejamento consta com pelo menos uma proposta de produção textual por bimestre, ou seja, dos nove questionados: cinco (05) responderam por bimestre, três responderam por mês e apenas um (01)

**Fonte:** Dados originais da pesquisa

Ao analisarmos a segunda pergunta “2. Você costuma planejar suas produções textuais?” Todos àqueles que responderam à pergunta nº01, o item sim, e complementaram que seu planejamento consta com pelo menos uma proposta de produção textual por bimestre, ou seja, dos nove questionados: cinco (05) responderam por bimestre, três responderam por mês e apenas um (01) por semana. Veja o gráfico 03:

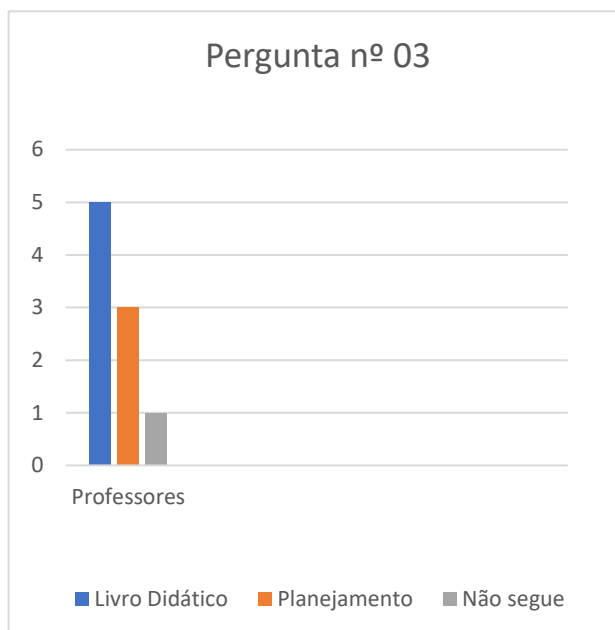


**Figura 3:** Respostas dos professores - “Quais as principais metodologias utilizadas para as produções de texto?” Constatou-se que, muitos educadores seguem à risca as propostas metodológicas que vem proposta pelos livros didáticos e muitos nem sabe o que seguir, pois tantas informações.

**Fonte:** Dados originais da pesquisa.

Para questão nº 03 do questionário foi desenvolvida a seguinte pergunta: “Quais as principais metodologias utilizadas para as produções de texto?” Constatou-se que, muitos educadores seguem à risca as propostas metodológicas que vem proposta pelos livros didáticos e muitos nem sabe o que seguir, pois tantas informações. Contudo, quanto aos alunos em final de terceiro ano do ensino médio, no caso foram três professores que se dispuseram a responder os mesmos foram unânimes a em afirmar que os temas sugeridos

para as produções textuais são propostos a partir de sugestões ou acordos com os alunos selecionados entre os que estão em destaque na mídia, Daí afirmar que eles seguem um planejamento próprio. Observe o gráfico: 04



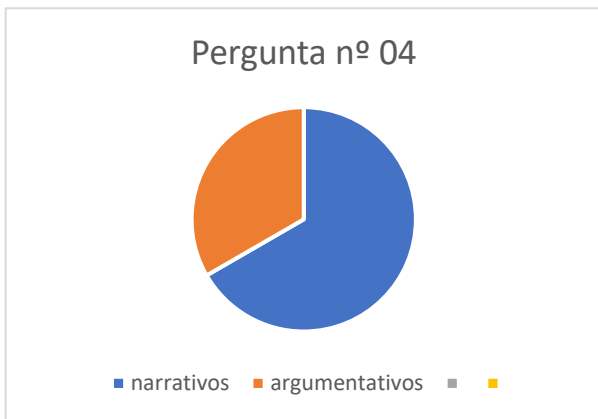
**Figura 4:** Respostas dos professores - “Você utiliza vários gêneros textuais?” Nessa pergunta gostaríamos de ter mais fundamento quanto aos gêneros textuais. Pois as respostas ficaram entre “narrativos” e “argumentativos”.

**Fonte:** Dados originais da pesquisa.

Já para a pergunta nº 04 “Você utiliza vários gêneros textuais?” Nessa pergunta gostaríamos de ter mais fundamento quanto aos gêneros textuais. Pois as respostas ficaram entre “narrativos” e “argumentativos”. Entretanto, gostaríamos de ressaltar que os gêneros abordados variam de acordo com o nível escolar.

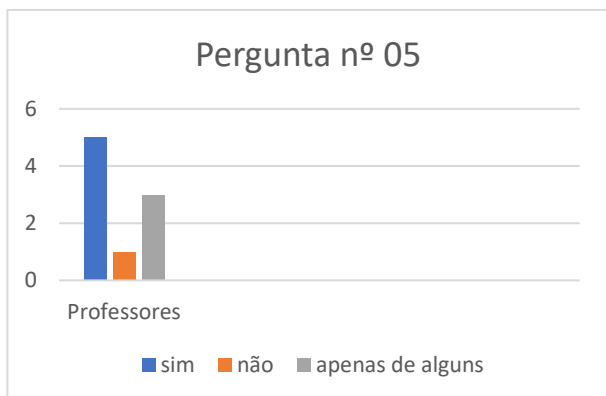
Para os alunos de ensino fundamental são propostas produções textuais práticas (bilhetes, convites...) e literários (poemas, contos, crônicas fábulas) atividades práticas, os professores responderam os do gênero narrativo. Porém, no Ensino médio, essas propostas ficam principalmente em textos de cunho informativo e acadêmicos.

Então, as respostas foram unânimes no gênero argumentativo.



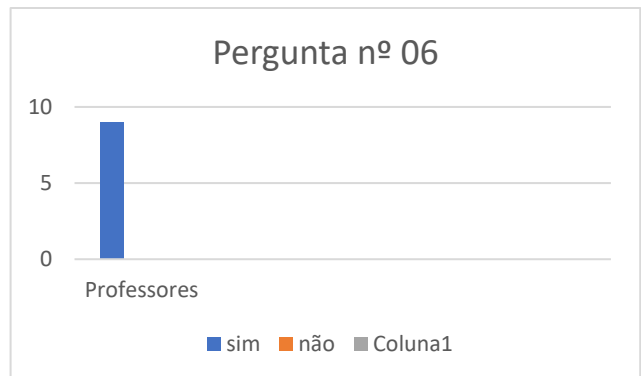
**Figura 5:** Respostas dos professores - “A produção de seus alunos tem contribuído para o processo de aquisição de leitura e escrita?”, como fala a pergunta de número cinco (05), fica em pausas, no entanto quando voltam em si, afirmam como mostra as respostas que “sim”, porque os alunos que escrevem bem são àqueles que leem muito, que pesquisam, frequentam outros lugares e principalmente, são os mais informados  
**Fonte:** Dados originais da pesquisa.

Quando se questiona aos profissionais sobre “A produção de seus alunos tem contribuído para o processo de aquisição de leitura e escrita?”, como fala a pergunta de número cinco (05), fica em pausas, no entanto quando voltam em si, afirmam como mostra as respostas que “sim”, porque os alunos que escrevem bem são àqueles que leem muito, que pesquisam, frequentam outros lugares e principalmente, são os mais informados. Já para a resposta “não” equivale a 10 % dos entrevistados, mas ainda tem algumas respostas referentes à “apenas de alguns”. Veja o gráfico nº 06.



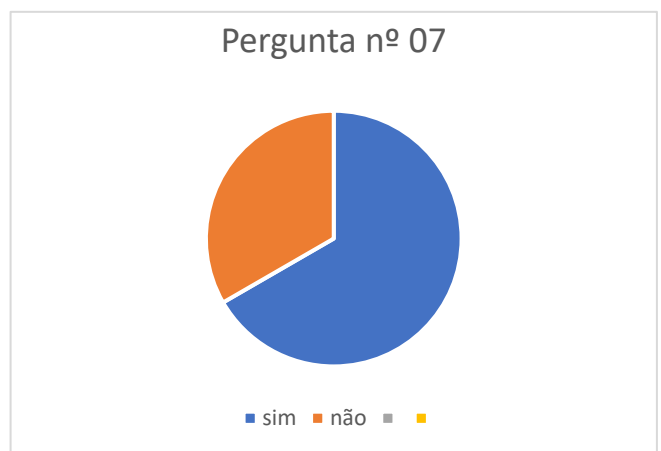
**Figura 6:** Respostas dos professores - “Sua escola dispõe de uma Biblioteca?” Todas as escolas tanto do ensino fundamental e ensino médio apresenta Biblioteca, afirmando o “sim”.  
**Fonte:** Dados originais da pesquisa

No questionamento nº 6 “Sua escola dispõe de uma Biblioteca?” Todas as escolas tanto do ensino fundamental e ensino médio apresenta Biblioteca, afirmando o “sim”. Mas como já foi mencionado acima, sua biblioteca é decadente, falta livros, falta um profissional qualificado, e que fica fechada a maior parte do ano por falta de manuseamento. Veja o gráfico 07:



**Figura 7:** Respostas dos professores - “Sua escola dispõe de uma Biblioteca?” Todas as escolas tanto do ensino fundamental e ensino médio apresenta Biblioteca, afirmando o “sim”.  
**Fonte:** Dados originais da pesquisa.

Quanto a pergunta nº 07 “A escola tem algum projeto que fortaleça a produção de textos?” As respostas ficaram entre o “sim” e o “não”, muitos não sabem porque trabalhar produções textuais dos alunos. Isso reflete os índices do governo no IDEB, na Prova Brasil e no ENEM. Contudo vemos um pouco do reflexo do ensino nas escolas pública de Oriximiná.



**Figura 8:** Respostas dos professores - “A escola tem algum projeto que fortaleça a produção de textos?” As respostas ficaram entre o “sim” e o “não”, muitos não sabem porque trabalhar produções textuais dos alunos.  
**Fonte:** Dados originais da pesquisa

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DOS GRÁFICOS

- A escrita é um dos elementos fundamentais criados pela sociedade em que se vive: permitir exercer atividades pessoais e sociais, mas além de tudo isso, o escritor tem que praticar leitura; oralidade; assim como contextualizar e situar o seu texto às questões ligadas ao contexto situacional;
- Hoje, o texto escrito é a principal manifestação da linguagem, entendido como unidade básica de comunicação, considerado por estudiosos mais que uma forma de comunicação. É um processo que envolve etapas de produção. Para tanto, os Linguística Moderna conceberam uma nova terminologia – escrita- capaz de abarcar toda forma de escrita que fosse entendida como um todo: o texto;
- Toda atividade que envolve a prática de escritura possui dois elementos que permeiam todo o processo, **o professor e o aluno**, que aqui seguem sobre ações planejadas pelo professor, constituindo-se de **macro processo** (o antes, o durante e o depois) e o **micro processo** (o planejamento, a exposição e a avaliação).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escritura tem procurado se afirmar com uma prática fundamental para o ensino-aprendizagem na disciplina Língua Portuguesa. A partir de pesquisas acerca dessa prática de sala de aula, descobriu-se que muito já se especulou sobre ela, mas pouco se utiliza na prática pedagógica. Em vista disso, é preciso que se reveja o ensino de língua materna, buscando os fundamentos básicos nos PCNs, pois assim, será constatada a necessidade de reforçar aos profissionais da educação que a escritura deve ser trabalhada no cotidiano, como maneira de desenvolver o raciocínio

lógico do aluno, apresentando-lhe temas que pertençam a sua realidade.

Baseados nessas sugestões, para se chegar à escritura, o aluno deve percorrer caminhos simples: primeiro, devem se trabalhar leituras que abordem temas que se pretendam desenvolver; e segundo, deve ser trabalhada a produção oral do aluno para ser observada a sequenciação de ideias que eles produzem antes de escrever. Nesse caso, é preciso que se mostre ao aluno que para se chegar ao texto final ele deve reconhecer todas as fases a percorrer para obter finalmente seu texto escrito.

Ainda se considera que a questão cultural do não gosto pela leitura, como um fator predominante marcante característico do povo brasileiro, e essa se torna a principal barreira para que os alunos se desenvolvam bons escritores, no sentido amplo da palavra. Porque isso reflete em uma das dificuldades da produção textual.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O papel da lingüística no ensino de línguas**. ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANASTASIOU, L. G. C. **Metodologia de Ensino na Universidade Brasileira: elementos de uma trajetória**. Campinas: Papirus, 2001.

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Ed. 70, Lisboa, 1977.

BATISTA, A. A. G. & ROJO, R. Livros escolares no Brasil: a produção científica. In: VAL, M. da G. C. & MARCUSCHI, B. **Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.13-45.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALDEIRA, A. M. S. A apropriação e construção do saber docente e a prática cotidiana. **Cadernos de Pesquisa**, v. 95, 1995.

- CANTERLE, N. M. G.; FAVARETTO, F. Proposta de um modelo referencial de gestão de indicadores de qualidade na instituição universitária. **Ensaio**, v. 16, n. 60, p. 393-412, 2008.
- CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo, Contexto, 1998.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. Tradução de R. de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. Tradução de R. de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.
- CORSETTI, Berenice. Análise documental no contexto da metodologia qualitativa. **UNIREVISTA**, vol. 1, nº 1: 32-46 (janeiro 2006). Disponível em: <<http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/ART%2005%20BCorsetti.pdf>> Acesso em: 21/04/2011.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSTA VAL, M. das G. & CASTANHEIRA, M. L. Cidadania e ensino em livros didáticos de alfabetização e língua portuguesa. In: COSTA VAL, M. das G. &
- COSTA VAL, M. das G. & CASTANHEIRA, M. L. Cidadania e ensino em livros didáticos de alfabetização e língua portuguesa. In: COSTA VAL, M. das G. & MARCUSCHI, B. (Orgs.). **Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.
- CUNHA, E. R. Os saberes docentes ou saberes dos professores. **Revista** Disponível em <http://www.marcosbagnio.com.br/formarcuschi.htm>. Acesso em 17/04/2007, às 16h 15min.
- DICIONÁRIO INTERATIVO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA (DIEB). Disponível em <http://www.educabrasil.com.br>. Acesso em 17/04/2007, às 10h 05min.
- DIONÍSIO, M. de L. da T. **A construção escolar de comunidade de leitores: leituras do manual de português**. Portugal: Almedina, 2000.
- FAVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: uma perspectiva para o ensino de Língua Materna**. 3ª ed. São Paulo. Cortez, 2002;
- FREGONESI, D.E. Livro Didático de Língua Portuguesa: liberdade ou opressão? In: GREGOLIN, M.R.F.V. & LEONEL, M.C.M. (Orgs.). **O que quer e o que pode esta língua?** Brasil/Portugal: o ensino de língua portuguesa e de suas literaturas. Araraquara, SP: Cursos de Pós-Graduação em Letras, FCL-UNESP-Ar, 1997, p.127-145.
- FREITAG B. et al. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GAUTHIER, C.; MARTINEAU, S.; DESBIENS, J.-F.; MALO, A. e SIMARD, D. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Editora Unijuí, 1998.
- GIL, A. C. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2012.
- <http://pt.slideshare.net/susanafleite/a-muitas-facetas-magda-soares> Acesso em 21/07/2016.
- IMENES, L. M. & LELLIS, M. **Avaliação do livro didático: o caso da matemática**. Pátio – Revista Pedagógica. Porto Alegre. ano 3. n 9. p. 46-8. maio/junho de 1999.
- KOCH, I. V. & TRAVÁGLIA, Luís Carlos. **A coerência textual e Contexto**. In **repensando a Língua Portuguesa**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- KUBO, O. M.; BOTOMÉ, S. P. Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. **Interação em Psicologia**, v. 5, n. 1, 2005.
- LEITE, Marli Quadros. Interação pela linguagem: o discurso do professor. In: ELIAS, V. M. (Org.). **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.
- LEITE, Marli Quadros. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. 8. Ed. São Paulo: Cortez 2012.
- LISBOA, Wandré Guilherme Campos de. **Os fios do Tapete: Educação por interfaces**. 1ª ed. Gráfica Alves, Belém-PA, 2004;
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.
- SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo.
- MAZZIONI, S. **As estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem: concepções de alunos e professores de ciências contábeis**. Chapecó, Unochapecó, 2006.
- MIRANDA, C. M. S; DOMINGUES, M. J. C. de S. Razões para escolha de uma IES: uma abordagem sobre o perfil socioeconômico de alunos interessados em cursar administração. **ENANGRAD**, v. 17, p. 67-70, 2006.
- MIRANDA, G. J.; NOVA, S. P. C. C.; CORNACHIONE JÚNIOR, E. B. Os segredos dos professores-referência no ensino de contabilidade. **Anais...** In: 11º Congresso USP de Controladoria e Contabilidade. São Paulo/SP. 2012.
- NÉRICE, I. G. **Didática geral dinâmica**. 10 ed., São Paulo: Atlas, 1987.
- NICOLA, J. de. Assessoria pedagógica. In: TERRA, E. & CAVALLETE, F. **Português para todos**: 5ª série. São Paulo: Scipione, 2004.
- NOGUEIRA, A. J. F. M.; BASTOS, F. C. Formação em Administração: O Gap de Competências Entre Alunos e Professores. **REGE - Revista de Gestão**, v. 19, n. 2, 2012.
- NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, v. 22, n. 74, p. 27-42, 2001.
- OLIVEIRA, J. B. A. et al. **A política do livro didático**. São Paulo: Unicamp, 1984.
- PIMENTA, S. G. Formação de professores-saberes da docência e identidade do professor. **Nuances: Estudos sobre Educação**, v. 3, n. 3, 1997.



RANGEL, E. Livro didático de língua portuguesa: o retorno do recalcado. In: DIONÍSIO, A. P. & BEZERRA, M. A. (Orgs.). **O livro didático de português**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 13-20.

SAVIANI, D. **Os saberes implicados na formação do educador**. Formação do educador: dever do Estado, tarefa da Universidade. São Paulo: Unesp, 1996.

SILVA, E. T. da. **Criticidade e leitura**. Ensaios. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista brasileira de educação**, v. 13, n. 5, 2000.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores face ao saber – esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 4, 1991.

TERRA, E. & CAVALLETE, F. **Português para todos**: 5ª série. São Paulo: Scipione, 2004.

VAILLANT, D.; MARCELO, C. **Ensinando a ensinar**. As quatro etapas de uma aprendizagem. Curitiba: Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012.

VALENTE, N. T. Z.; KUSNIK, L. F.; ABIB, D. B. Análise dos estilos de aprendizagem dos alunos e professores do curso de graduação em ciências contábeis de uma universidade pública do estado do Paraná com a aplicação do inventário de David Kolb. **Contabilidade Vista & Revista**, v. 18, n. 1, p. 51-74, 2007.

VEIGA, I. P. A. **Técnicas de ensino**: novos tempos, novas configurações. Papirus Editora, 2006.

ZELENY, M. **Multiple criteria decision making**. New York: McGraw-Hill, 1982.